



Depois da tomada de Neuve Chapelle.—Regresso dos lanceiros de Bengala, que tão gloriosa parte tomaram n'esse formidavel feito militar. (The Sphere).

Ilustração 2.ª série — N.º 492 ✨ Lisboa, 26 de Julho de 1917

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Trimestre..... 1\$20 civ.
Semestre..... 2\$40 *
Ano..... 4\$80 *

Numero avulso, 10 centavos

Portuguesa

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redação, administração, officina de composição e impressão
RUA DO SÉCULO, 43

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, em Paris, Rue des Capucines, 8

Rifle de Repetição Calibre .22 A Arma Ideal Para Caçar



Um rifle de repetição calibre .22 ocasionar-lhes-ha grande prazer quando em busca da caça meuda. O atirador preoccupar-se-ha unicamente em ver a exactidão do rifle que comprar, e que a potencia do cartucho que ella pede dis-parar não evite o exito do tiro.

Peça para ver a nova arma repetidora REMINGTON-UMC calibre .22 para uso dos potentes caruchos calibre .22 comprido rifle, assim como tambem .22 curto e .22 comprido.

Acham-se á venda nas principais casas d'este genero.
Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nueva-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:
No Sul do Brazil LEE & VILLELA
Caixa Postal 423, São Paulo
Caixa Postal 163, Rio de Janeiro
No Territorio do Amazonas OTTO KUHLÉN
Caixa Postal 20 A.
Manicó

Figura: G. Heltor Ferreira, L. do Cambés, 3, Lisboa

PARA ENCADEARNAR A "Ilustração Portuguesa"

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encader-nar o segundo semestre de 1914 da "Ilustração Portuguesa". Desenho novo de oitmo effeito.
PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, ca-pas para os semestres anteriores. En-viam-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do co. reio ou or-dens postaes. Cada capa vem acom-panhada do indice e frontispicet respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SEculo"
Rua do Seculo, 43—LISBOA



A JOVEM MAGNETIZADORA

Como Ela obriga aos outros a obedecerem á sua vontade

Cem mil exemplares d'este celebre livro (descendo as extraordinarias Forças Psychologicas) para ser m dis ribuidos g atui amant pe o co reio aos leitores da "Ilustação Po tu-gueza"



«maravilhoso poder de influencia propria, o magnetismo, a fascinação, a subjugação do espirito, de-lhe o nome que quizer, pode seguramente ser adquirido por todos, mesmo pelos intellectuales ou pelos antipáticos», segundo diz o sr. Elmer Eslerworth Knowles, autor do livro intitulado «A Chave do Desenvolvimento das Forças Ocultas».

«O livro expõe claramente os factos assumbrs aos respeito dos costumes dos espíritos. Vogis óculos, porém eficaz, do ubjugar os pensamentos e os atos dos outros; o modo pelo qual se pode vencer o amor e a am zude d'aque se que por outro mo io permanecam indifferentes; como rapidamente e asertadamente julgar o caracter e a paxião dominante de cada individuo; como curar as molestias e costumes os mais rebeldes sem a necessidade de recorrer ao emprego de drogas ou medicamentos quaesquer; acham-se até explicado o a quanto comido sobre a transmissão do pensamento (telepathia). A senhorita Josephine Davis, a atriz predileta, cujo retrato aqui reproduzimos, asseverou que o livro do professor Knowles obtiveo successo, sanidade e felicidade a cada alma viva, seja qual for a sua profissão. Ella crê que o professor Knowles já descobriu principios os quaes, universalmente adotados, mudarão por completo o regimen mental da raza humana.

O livro que está sendo distribuído gratis por toda a parte, está repleto de reproduções fotograficas mostrando como estas forças occultas estão sendo empregadas pelo mundo inteiro, e como milhares e milhares de pessoas tem desenvolvido o poder que eles nem sequer sonhavam possuir. A distribuição gratis dos 10.000 exemplares está sendo feita por uma grande instituição londrina, e será enviado gratis um exemplar a qualquer pessoa a quem isso interessar. Não se pede dinheiro algum; porém, os que desejarem cobrir a verba de portes podem enviar «elos postas no valor de 3 contavos sem» (Portu-gal, ou 200 rs. ordinarios do Brazil). Todos os pedidos d'este livro deverão ser dirigidos ao «National Institute of Sciences, Section G «utila Portuguesa 3 107 A., n.º 255, «Westminster Bridge Road, Londres, S. E., Inglaterra». Bastará apenas pedir um exemplar, escripto em Portuguez, da «chave do Desenvolvimento das Forças Intimass, mencionando «Ilustração Portuguesa».

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL:

Ações	300.000.000
Reservas	225.000.000
Fund. de reserva e amortização	125.000.000
Total	650.000.000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marfanata e So-reiriho (Tomar), Vendeo e Casal d'Hermio (Lousada), a «Vitor (Alto de Rio de Velha), instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e disposto dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para «fabricações especiais» de qualquer qualidade de papel de macha na «on-tinua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jo-anas e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e «mpresas nacionais. — Escritorios e depósitos 57, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—49, RUA DE PASSO A MANOEL, 31, PORTO.—End. teleg. em Lisboa e Porto: Companhia Prado. N.º 11. — telé-phonos: LISBOA, 66—PORTO, 17.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBR:
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME
Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em val-cinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quironomancia, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lombroso, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numero-sos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimen-tos da guerra franco-prussiana, da guerra franco-inglesa, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Con-sultas a 18000 réis, 28500 e 58000 réis.

O Pápa escreve

Naquela galeria íntima do Vaticano, entre os panos d'Arrás que Hercules d'Este trouxe de França e as cadeiras d'Aubusson que tão confortavelmente favoreciam as séstas ligeiras de Pio X, um homem, um afilíssimo homem, passa os dias a tentar remediar uma «gaffe» colossal. É o Pápa. Os seus bons e sinceros desejos de paz e de harmonia entre todos os homens, levaram-n'o a misturar confusamente certas palavras que, pesadas, dissecadas por jornalistas flagelantes, se provou serem parciaes, capciosamente politicas e, porventura, tendenciosas. Para de alguma fórma remediar a sinceridade desordenada das suas frases infelizes, o Pápa escreve. Escreve a todos os bispos d'Italia, a Romaná, a Fiesola, a Rimini, seus diletos e íntimos amigos, e a todos eles garante, de mãos no peito e de olhos marejados, que tem pelos italianos um particular amor porque são os seus mais



proximos filhos. Sim, decerto, o Pápa ama os italianos, seus filhos, como provavelmente ama todos os homens porque é, na terra, o vigario de Deus. E foi só o desejo de o manifestar bem claro, na franca lealdade da sua placida alma de velho, — que tão lamentosamente atropelou as suas opiniões, talvez um pouco extemporaneas. Sem duvida, n'este momento, já algum familiar lhe segredou que foi apressado nas suas nobres aspirações e Benedito XV, erguendo os braços ao ceu, refletindo com amargura na maldade humana que tudo transforma e deturpa, pensa, com certeza, que não vale, realmente, a pena, ser o pastor de tão ruins ovelhas.

Rôbi de Miranda Pereira

A farda é sempre nobre, sempre digna. Ignoro se ha militares que receiam ir combater nas linhas francezas; julgo que não. Mas sei que ha corações, a um tempo grandes e modestos, que morrem — sem frases — pela terra que os viu nascer. O capitão Rôbi de Miranda Pereira caiu morto, no seu posto, frente ao inimigo, conservando na mão a sua portugüesa espada, dando na sua portugüesa lingua uma suprêma ordem de combate. Foi no proprio sitio onde ha onze anos seu irmão, militar também, encontrou a mesma gloriosa morte. N'este momento, em Braga, n'um can-



to da nossa clara terra de Portugal, uma mãe, que Deus quér, sem duvida, galardoar porque a submete a tão duras provas, chora convulsamente o seu segundo filho como ha onze anos chorou o primeiro e só a certeza de que os seus queridos adorados morreram luminosamente, singelamente heroes, poderá mitigar um pouco a sua amargura

dolorosa. E quando, por acaso, essa mãe, auréolada de dôr, ouvir que o exercito se não quer bater, ah! com que santa e nobre indignação ella exclamará:—E' mentira! Tive dois filhos;—e ambos elles morreram pela Patria!

A cidade do lixo

Loti, algures, chamou a Constantinopla a cidade dos cães. O fino espirito de Gervasio Lobato achou, uma vês, que Lisboa era a cidade dos gatos. Gervasio morreu; hoje chamar-lhe-ia a cidade do lixo. Não sei em que se occupam aqueles modestos funcionarios que, justamente na hora da labuta e da azafama, levam com-



sigio, pelos «squares» umas carroças infectas arrastadas pelo cavallo de Tolentino. Talvez em discutir politica. Já em janeiro de 1842 — ha setenta e tres anos! —, referindo-se á porcaria inconcessavel da praça da Alegria de baixo, a «Revista Universal» com toda a seriedade: — «Tambem conviria muito varrer e limpar as praças de oito em oito dias, pelo menos» para que não fiquem intransitaveis e dêem origem a molestias contagiosas.» — Desmesurado sonho d'ambição! Mas nós já não somos como os homens insaciaveis da «Revista» e da «Revolution» de Setembro... Que varram as praças publicas — ao menos uma vês por mês!

O Cinematografo

Sob este calor sufocante, reúnem-se pontualmente todas as noites umas centenas de pessoas — quasi sempre as mesmas — cuja principal occupação consiste em admirar, ás escuras e muito a sério, n'um «écran» de cinematografo, romanticas aventuras d'amor, incriveis lances de bandidos celeres. Sem falar já d'esta «floraison» toda moderna de Sherlock Holmes «in herbis» e de Pransinis ultra-violadôres que são uma consequencia picaresca do numero de geraes e do seu exiguio preço, o animatografo apoderou-se de tudo quanto em literatura havia de belo, sêcamente, aproveitando apenas uma fabulação mais ou menos complicada. Hontem estropiou com hediondês o «Orlando Furioso», amanhã, vai sem duvida cometer o «Paraiso Perdido» — se é que o não cometeu já. Não sei em que justa medida estas coisas serão prejudiciaes ás crianças mas pergunto a mim proprio, com pasmo, que idéa ficará fazendo da «Divina Comédia», por exemplo, uma creatura que só d'ela tenha conhecimento pelos «films» do salão da Trindade.



MARIO DE ALMEIDA.

(Ilustrações de Hippolyte Colomb).

FOGO DE INVERNO



Era uma noite de invernomoída e triste... Na sua obscuridade medrosa, o tragico silencio entrecortava-se, pelo rastejar lamentoso da folhagem re-

sequida e gemidos de troncos debeis e desnudados.

No espaço imenso, sibilando, latindo, uivando uma musica terrivel, ameaçadora, o vento, fogueateava silvos viborentes e impressionantes, convulsionando corpos, acordando espiritos, recordando maguas; e, além, nas catedraes que esfumavam na tenue penumbra, as suas torres magestosamente altivas, os pesados sinos, entoavam tristonhas e compassivas melodias que se evoluavam pela escuridão imensa.

Espargindo os alongados sons, melancolicos, angustiados e soluçantes, ora crueis e funestos, transportavam a tristeza aos corações dormentes de magua e doridos de tortura, ou pareciam rir, n'uma gargalhada escarnenta e ironica, da cidade mesquinha, triste e desoladora, que, amortalhada pela neve pendida em farrapos nos troncos nús e raquiticados pela invernia, tinha como que o miseravel aspéto de um pedinte semi-nú ou de um fantasma esfarrapado;—emquanto as torres, lá no alto, intangiveis, soberceiras e arrogantes, soberanas da sua immaculada pureza, longe do mundo e dos homens, pareciam olhar desprezivamente a terra, que rastejando humildemente aos seus pés, albergava no seio canceroso, fétido de egoismos e miserias, convenções ridículas, odientas e hipocritas.

Aqui e além, á claridade tenue e pardacenta, que os candieiros derramavam sobre a fina mortalha d'esse campo, agora adormecido pela fadiga dos prélios travados durante um dia, na imensa luta da vida, desvelavam-se como fugitivas sombras, vultos errantes, que, calquinhando os passos incertos e apressados, agitavam nervosamente os corpos, tentando reanimar os musculos, gelados pelo frio intenso e impiedoso que lhes fustigava os rostos semi-embuçados.

Semelhanças a negros espéttros, enteiriçados e esguios, lá iam fugindo aos rigores da noite, ambicionando o limite do caminho atapetado de tristezas, e distraindo os cerebros, a pensar talvez na esposa, que os esperava anciosa, com a ternura de um beijo quente que lhes aquecesse

os labios; nos filhos que os rodeassem de caricias inocentes; n'um corpo belicoso e ardente de amante, fremitando em ancias de prazer ou, ainda vibrando na comoção do vicio, satisteito n'um pano verde, n'um calix de absinto, na interpretação de um crime ou no recheio de um roubo.

E devia ser tão enorme o turbilhão de pensamentos que doce e macabramente rodopiava nos craneos dos ultimos caminhantes da noite, que os tornava insensiveis ao lamento choroso que vinha dos porticos—triste albergue onde se abrigavam esses que vagabundeiam «vidafóra» e estendiam a mão palida e esqueletica á Piedade, que passa, ouve e não sente.

Iam-se perdendo ao longe as ultimas badaladas;—desvaneceram-se os ultimos espéttros; depois... O medonho silencio... A sombra sinistra... O belo monstro parecia repousar...

Mas alguem caminhava ainda...

No horizonte brumoso, desenhado por pirlampicas luzes e que limitava uma avenida aberta á opulencia luxuosa de ricos palacios, estilados em caprichosa arquitetura e pomposos dos seus esculpturaes galhardetes e raros marmores, esfumavam-se sumidamente dois vultos, que caminhavam ainda na vaquidade misteriosa da sombra.

Andavam lentamente n'um passo indolente e bamboleante, os corpos colados de fadiga e as cabeças pendidas sobre os peitos que arfavam n'uma respiração debil.

Pelos hombros uma esburacada manta xadrezada, unico agasalho que os cobria do frio; nas mãos d'ela uma sebenta pandeireta e nas d'ele um velho violino que ha muito não via côr. Nos olhos d'ambos uma expressão angustiada que se derramava pela neve, triste como as suas almas, fria como os seus corpos.

Quem eram?!

Como nasceram?!

D'onde vinham?!

Para onde iam?!

Nem eles o sabiam!—só talvez o «Acaso» o soubesse.

Tiveram por mãe podre caravana que os abandonou um dia; por berço, a noite; por casa, o monte.

Paí, mãe, familia... estranhas palavras que as suas bôcas nunca pronunciaram, tinham-se unido no altar da «desgraça»; depois... densas trevas... insondavel misterio.

Zetta e Zuritta,—assim se chamavam sem saberem porquê,—tinham chegado já a meio do comprido «boulevard», e parado agora junto a uma grande porta envidraçada, emoldurada em florões de cantaria, onde se lia em letras foscas

— «Les Bohemes» — Grand-Café Restaurant.

Abriram-na maquinalmente, avançaram alguns passos e cumprimentaram o porteiro que, empertigado n'uma pomposa farda, não lhes ligou um centimo de importancia.

Havia já alguns dias, era aquela a ultima «étape» onde costumavam exhibir-se.

A principio, ainda cobravam algumas moedas para mal encherem o estomago no outro dia;



mas, depois, já conhecidos, só um ou outro generoso se lembrava d'eles.

Chegaram ao salão; a atmosfera aquecida, reanimou-lhes um pouco os corpos gelados; e os raios dos grandes festões de luz, batendo-lhes em cheio nos rostos bronzeados, fechou-lhes momentaneamente os olhos negros, orlados de espessos cílios e roxas olheiras.

Zetta envergava um calção e uma jaqueta de veludo, já muito coçados pela existencia; na cabeça, um chapéu negro, quasi sem fóрма

e posto ao acaso; nas pernas, umas polainas de sebento cabedal, pendendo fitas já desbotadas; e no pescoço atado em nó, um lenço vermelho que lhe emoldurava o rosto, onde se estampava uma expressão altiva e bondosa, rude e doce ao mesmo tempo.

Zuritta embrulhava o corpo n'um extravagante andrajo de muitas côres, terminado em baixo em grandes bicos, recortado em redondo sobre os seios, deixando a nú o peito crestado onde caía um grande fio de corais falsos.

Contornando as ancas, uma fxa côr de san-



gue; e na cabeça, atada sobre a nuca, outra da mesma côr, d'onde saía em longas tranças, um brilhante e asseitinado cabelo negro; nos pés, umas sandalias de couro; e nas orelhas, umas argolas de metal caídas por sobre os formosos hombros nus, onde assentava o seu busto do mais belo perfil grego.

Venus teria trocado a delicada cintura pela ardencia d'aqueles olhos; e Galattêa, invejaria a côr d'aqueles labios, que n'um amargo sorriso deixavam vêr duas filas de raras perolas.

Tal era o palido retrato dos dois vagabundos que caminhavam «noite-fóra».

A um sinal de Zetta, que começára no violino uma aria, em que a tristeza das «steppes» se misturava á languidez do Oriente, Zuritta esticára o corpo n'uma linha doentia e sensual, ao mesmo tempo que, tamborilando mansamente na velha pandeireta, déra começo a uma dança em que quebrava o corpo em sucessivas linhas, ora rudes e violentas, ora doces, lascivas e voluptuosas, que desnudavam toda a sua formosa coberta de farrapos.

Assim, sempre dançando, contorcendo-se e esticando-se, passavam já cinco minutos, dez, quinze, vinte e, ao som já arrastado do velho instrumento, o corpo fragil da pobre cigana, flexivel como uma serpente, continuava a transformar-se em poses habilidosas, repentinas e languidas, eivadas de sedução, até que, já cansados, com os rostos em rubro, as olheiras cavas e os peitos arfantes, acabaram a triste função já vinte vezes repetida n'aquela noite. Zuritta, com o corpo exangue, a alma retalhada e um sorriso nos labios, começára agora esmolando pelas mesas, onde em montes abançavam as luxuosas sanguessugas dos enfatuados libertinos.

Humilde, graciosa, timidamente encantadora, pedindo aqui e acolá, já corraera quasi todas, mas mais gracejos e galanteios do que moedas tinham caído no velho pandeiro.

Tinha chegado á ultima mesa; em volta, como nas outras, viciosos *dandys* do prazer, bebendo pelos labios carminados da miseria mascarada.

Os olhares embriagados, eivados de luxuria e de vicio, pregaram na «bela gitana» que lhes pedia graciosamente.

Um dos do grupo olha-a profundamente; nos olhos brilha-lhe o claro de uma bestial sensualidade.

Puxa-a a si por um braço e diz-lhe mansamente:—quero gosar o calor da tua boca.

Zuritta fica imóvel, petrificada; ao rubro do cansaço mistura o rubro do pudor e balbucia confusamente—deixe-me meu senhor, peço-lhe.

Então, o antipatico galanteador puxa da bolsa reluzente, saca uma moeda de ouro e atira-lh'a; depois, no forte impulso de um brutal desejo, agarra-a grosseiramente, quer unil-a a si, envolve-a, esmagal-a e tenta beijal-a á força.

Ela tambem luta; a custo desenvencilha-se d'ele.

O doce sorriso fugira-lhe dos labios e os olhos chamejam despreso e colera; impertiga o corpo e, erguendo altivamente a linda cabeça, atira a moeda á cara do repugnante, que exclama n'uma boçal gargalhada:

Ah, ah, ah, ah... é mais caro o preço dos teus beijos?!... idiota, podias ser mais feliz se outro genio tivesses.

Então hein?... como é pura a rainha da choupana! Coitada, prefere o farrapo á renda... vomita desdenhosamente a boca de uma pervertida.

Zuritta, que continuava de cabeça erguida, desafia-a n'um olhar e cospe-lhe no vestido; e, puxando Zetta a quem a raiva sucumbira, saem do luxuoso antro onde chicotearam as suas almas já tão doridas.

Depois, tristes e silenciosos, cobertos de neve, gelados de frio, caminharam ruas e ruas até chegarem á miseravel cabana que lhes servia de abrigo.

Estavam aniquilados mas pensavam muito; e tão profundamente, que nem o assobio do vento passando em furia pelas largas fendas, nem o gemido das traves bolorentas da pobre choça, os arrancava aos crueis pensamentos em que se mergulhavam.

¿ E se eu a perdesse?... tal era o pensamento que queimava o pobre craneo de Zetta, sem que ele o soubesse explicar.

Vinham-lhe agora á memoria todas as cenas da sua vida intima; o desabafo dos lamentos, a ternura dos beijos trocados, as enormes explosões d'amor e os dias de miseria, passavam n'uma recordação maguada pela sua alma.

Como poderia viver sem ela?—e sem a dorçura dos seus carinhos, o fogo dos seus beijos e o ardor da sua carne, sem toda a sua vida?

Como? — se era ela o soluço da sua dor, a resignação das suas maguas, o unico raio de luz que iluminava a sua vida negra e miseravel?

Abafava-o uma enorme angustia; sentia o peito estalar-lhe; precisava desabafar: e, como não pudesse chorar, começou estribilhando ao velho companheiro uma melodia em que soluçava uma dor agudissima.

Zuritta, continuava imóvel, silenciosa.

Toda a sua vida de miseria passava em desfile nas suas retinas paralisadas: os dias sem pão, sem casa, sem lume, as longas caminhadas pelos caminhos selvagens que lhe ensanguentavam os pés, as noites sem abrigo, os desfalecimentos de fome, de cansaço e de frio, e todas as crueis humilhações que a envergonhavam, pulsavam agora dolorosamente no seu espirito torturado.

Prefere o farrapo á renda, coitada;... resoa-va ainda aos seus ouvidos.

E, se eu lhe fugisse?... sedas em vez de andrajos, pratos palpitantes em vez de pão negro, brilhantes em vez de coraes falsos, palacios em vez de choupanas, luxo em vez de misérias, alegrias em vez de torturas, risos em vez de lagrimas;... e ele?... e ele?... Cerrou os olhos;—abandonára-se á triste melodia.

Uma lagrima silenciosa corria-lhe nas faces: Sentiu um doce calor nas palpebras;—eram os labios de Zetta que lhe bebiam as lagrimas; depois,... colaram os labios, os corpos.

Quem a saberia beijar como o seu amante?!

Não só a «desgraça» os ligára; tambem os unia o amor... unico fogo que os aquecia n'aquela noite de neve.

16—6—914

Mario Henrique.

UM "GARDEN-PARTY"



valheiros; 2.^a de *casacos*, para cavalheiros; 3.^a de *flores*, para senhoras; 4.^a de *contas de somar*, para senhoras e cavalheiros; 5.^a de *patos*, para senhoras; 6.^a das *tres pernas*, para cavalheiros; 7.^a luta de tração para senhoras; 8.^a luta de tração para cavalheiros.

Esteve animadissimo o *garden party* realizado na vivenda que o sr. Salvador Levy, importante agricultor em S. Tomé, e sua esposa a sr.^a D. Ester Pinto Levy possuem na estrada de Cintra, quinta do Castelo, ao Cacem, ao qual concorreram inumeros convidados que passaram ali uma tarde deliciosa.

Logo apoz a chegada de todos os convidados deu-se começo ao *gymkana*, havendo as seguintes corridas: 1.^a de *agulha e linha*, para senhoras e ca-



1. Mesdemoiselles Orovida Zajury, Leonor Levy, Natalia Zajury, Juclt Sequerra e Simy Zajury, assistindo ao *gymkana*.—2. Aguardando o resultado do juri.—3. Um aspecto do jardim durante a corrida de flores. (Clichés Benolle).

A QUESTÃO DO DOURO

Tem sido uns dias de agitação dolorosa para o Douro estes em que se tem vindo debatendo o novo tratado de commercio com a Inglaterra, na parte relativa aos nossos vinhos generosos. Em toda a região duriense se alastrou vigoroso protesto, levantando-se armadas povoações inteiras, tocando os sinos a rebate, fechando-se os estabelecimentos. Houve mesmo desforços contra as repartições publicas, como sinal de descontentamento pela fórmula menos solicitada por que se afigurava áquella infeliz gente que o governo tratava da questão, e correu sangue.

delicada situação entre os chamados interesses do norte e interesses do sul não é difficil avaliar, o caso é levado a uma solução que tem o mais possivel de conciliadora. E assente ella entre o governo e a comissão, com algumas modificações de menor monta, pois que, se esta defende com legitima razão os interesses regionaes, aquelle não deve perder de vista os do Estado, é de crêr que o parlamento a aceite e aprove convertendo-a em lei do paiz, até que a Inglaterra, tambem por lei derivada da convenção internacional, adote a definição de vinho do Porto



Membros da comissão duriense á saída da estação do Rocio, acompanhados pelos deputados da região, seguindo depois para o ministério dos estrangeiros—(Clutché Benoitel)

Uma grande comissão veiu a Lisboa, disposta a defender os seus interesses regionaes, sem fraquezas nem delongas. Se esses interesses não fossem salvaguardados no tratado ou n'uma lei que visasse a remediar o que n'ele havia de lesivo para o Douro, seria difficil dominar a sublevação dos povos, que ha tantos anos se estorcem n'uma crise horrorosa, sem que acudam aos seus clamores alitivos, e, agora que ensejo havia de fazer alguma coisa por eles, ou, pelo menos, de não os lesar ainda mais, ainda não os atendiam.

Graças aos esforços da benemerita comissão e á boa vontade do governo, cuja

consignada na lei de 23 de janeiro de 1915. O não se permitir até lá que se exportem para Inglaterra outros vinhos denominados generosos, que não sejam os das marcas regionaes definidas e garantidas pelas leis vigentes, já é uma providencia de certa efficacia para restituir o socego á importante região duriense.

E oxalá que, de facto, ella volte quanto antes á sua vida laboriosa, embora do seu espirito não desapareça essa intranquillidade constante que paira sobre o seu trabalho honesto e indefesso pela incerteza do seu exito.

Arte nacional

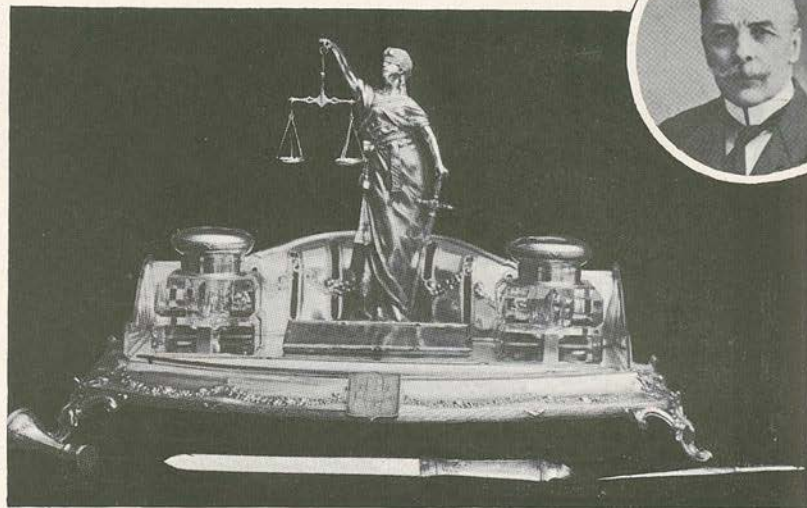
A ourivesaria portuguesa, que desde ha seculos tantas maravilhas tem produzido, continua ainda hoje as tradições gloriosas de sublime arte, não desmerecendo nos objetos trabalhados na actualidade os encómios que desde epochas tão remotas vem colhendo com louvor. A taça que reproduzimos, um mimo de ourivesaria, destinada ao vencedor do premio «Estados Unidos do Brazil», que será disputada este ano em



Taça que a direção do Jockey-Club do Rio de Janeiro oferece ao vencedor do premio dos Estados Unidos do Brazil

Buenos-Aires, foi encomendada pela direção do Jockey Club do Rio de Janeiro á importantissima joalheira dos srs. Leitão & Irmão, que tanto se tem distinguido já n'outros trabalhos.

O tinteiro, que uma comissão de cidadãos de Torres Vedras ofereceu ao juiz do 1.º distrito criminal de Lisboa sr. dr. Alves Ferreira, foi executado na joalheira Pires, da rua da Palma.



2. O sr. dr. Alves Ferreira.—3. Tinteiro, faca e pena de prata oferecidos pelos habitantes de Torres Vedras ao Juiz do 1.º distrito criminal de Lisboa, sr. dr. Alves Ferreira.—(Clichés Vasques)

MISTÉRIOS

*Quando ama, sabe o homem porventura?
Aos vinte, aos trinta, ou quando as tristes cãs
Fazem par'cer ridículas e vãs
Declarações tardias de ternura?*

*E quem amou? A altiva formosura?
A que seduz p'las graças mil louçãs?
Branças feições, ou rubras de romãs,
Grossa e roliça, ou fina de cintura?*

*Vitima dos sentidos, ao julgar
Que amou as fôrmas d'uma ou d'outra a graça,
E que tributo mais rã) vae pagar,*

*Louco! Do verdadeiro amor a taça
Faltava-lhe afinal inda líbar,
Quando amor já não é senão desgraça!*

Silvano.



O Velho Mundo em guerra

Ha dois mezes que a Italia entrou na guerra. Supunham os melhores oraculos em politica internacional e os mais versados n'esta briga de interesses, que vae em vol-

verno italiano até o momento de romper o conflito e das que se estão fazendo com a Bulgaria e a Romania, junto de cujos governos não ha intriga de que se não tenha

ta da briga das armas, que a nobre resolução da Italia determinaria logo a Grecia, a Bulgaria e a Romania a definirem, de uma vez para sempre, a sua attitude perante o conflito.

Todas as tres nações teem-se preparado e estão empê de guerra. A doença grave do rei Constantino tem preocupado mais o governo da Grecia do que propriamente a sua intervenção no conflito. Entretanto o vulcão popular continúa a rugir ameaçador e fala-se na proclamação de um regente para se tomar quanto antes a resolução que está no espirito de todo o povo helenico, que não tolera de fórma alguma que os austriacos lhe violem a neutralidade como teem pretendido fazer sobretudo para abastecimento dos seus submarinos.

A Austria e a Alemanha não se teem poupado a promessas de compensações territorias e outras para que a Grecia se conserve neutral, e, segundo os ultimos telegramas, ainda insistem com a esperança de o conseguir, havendo varias conferencias entre os diplomatas das tres nações; mas estas certamente não terão melhor exito do que aquelas que houve com o go-

verno italiano até o momento de romper o conflito e das que se estão fazendo com a Bulgaria e a Romania, junto de cujos governos não ha intriga de que se não tenha

usado para os pôr de pé atraz com os aliados.

Os imperios centraes estão e specialmente muito preocupados com a Romania, cuja attitude não lhes é das mais propicias e custa a mudar, sejam quaes forem as promessas. Se ela se não conserva neutral, a Turquia perde o unico meio de se abastecer de munições de guerra e outras que lhe vão faltando e ter-se-ha de render dentro em pouco.

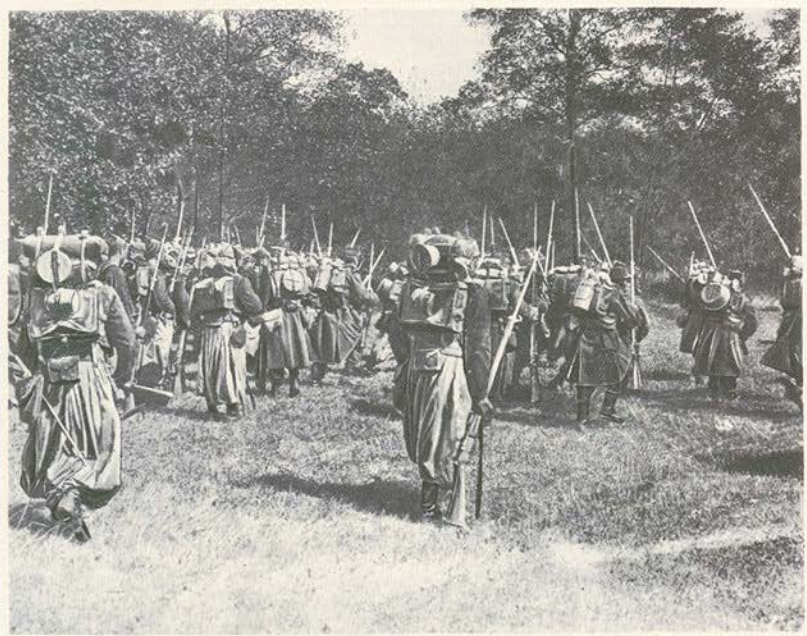
Um pouco dissuadidos de levar o governo de Bucarest por promessas, os governos de Berlim e Viena já teem usado de ameaças, que aliás não teem surtido melhor efeito. Hoje não ha paiz pequeno que possa ter receio de semelhantes ameaças, dado o espirito de hostilidade universal que a Alemanha soube concitar contra si e contra todos os que por dependen-

cias de escravo ou por terrores de cobarde combatem a seu lado. Os nobres exemplos da Belgica, da Servia e do Montenegro não podem deixar de ser seguidos pelos outros povos que se, perante a Alemanha, não teem pesado até hoje na balança da politica internacional, teem de pesar amanhã, quando se liquidar este conflito mundial, para se poderem assegurar do respeito pelos seus direitos e pela sua autonomia.



Uma conferencia entre o rei Alberto e o ministro da guerra





Em Arras.— Durante um formidável ataque dos francezes á frente alemã, em Arras, conservaram-se ocultos n'uma flo-

resta proxima muitos contingentes de reserva, prontos a marcharem para as linhas de fogo ao primeiro sinal.

(Cliché Branger).



Em Varsovia.— Os feridos russos conservam-se em um campo protegido pela Cruz Verme'ha, enquanto as ambulancias não vëem busca-los para serem recolhidos nos respectivos hospitaes.

Itália e Áustria.

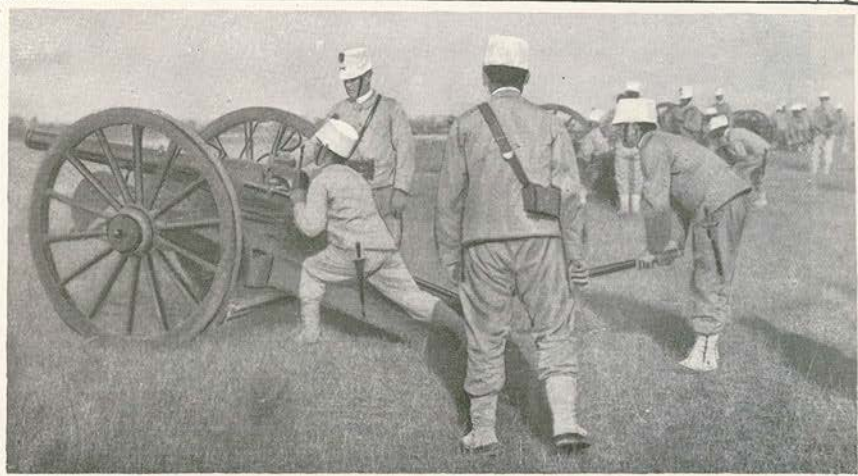
— Continuam as vitórias dos italianos sobre os austríacos. Desde o dia 13 que está travada ao longo da margem esquerda do Sonzo uma grande batalha, estando constantemente a receber reforços os exercitos combatentes, o que aumenta todos os dias as proporções d'essa luta que promete prolongar-se.

O mais acesso d'ela está de alguma fôrma circumscrio á linha que une Goritzia, Plawa e Roverito, em que os italianos dominam evidentemente, sendo frustrados todos os meios que desesperadamente empregam os austríacos para lhes romper as linhas. Quando imaginam que estão prestes a conseguilo, os italianos recebem-nos á baioneta, fazendo-os recuar,



a troco de enormes baixas, e recha ssando-os pelo seu territorio até aos ultimos redu-tos. O exercito d'Italia está-se, realmente, tornando notavel pela sua organização, pelo seu material e pela sua valentia. Desde que rebentou a guerra entre ela e a Austria, contava-se em Viena e em Berlim, que dentro de meia duzia de dias a nova linha de batalha seria deslocada para o territorio italiano, cujas tentativas de invasão teem fracassado sempre e ainda ultimamente as feitas pelo Tirol.

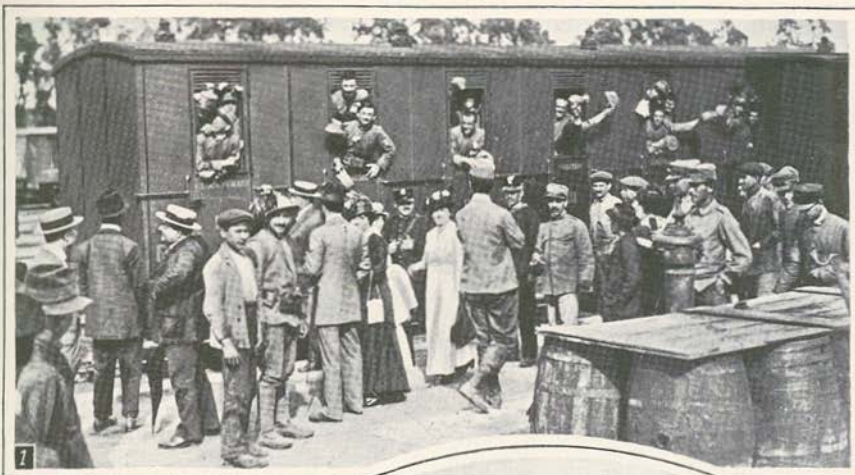
Desde 24 de maio que os italianos invadiram a Austria pela fronteira oriental e ainda lá se conservam avançando sempre, tornando-se cada vez mais problematica a possibilidade de retrocederem até ao seu territorio.



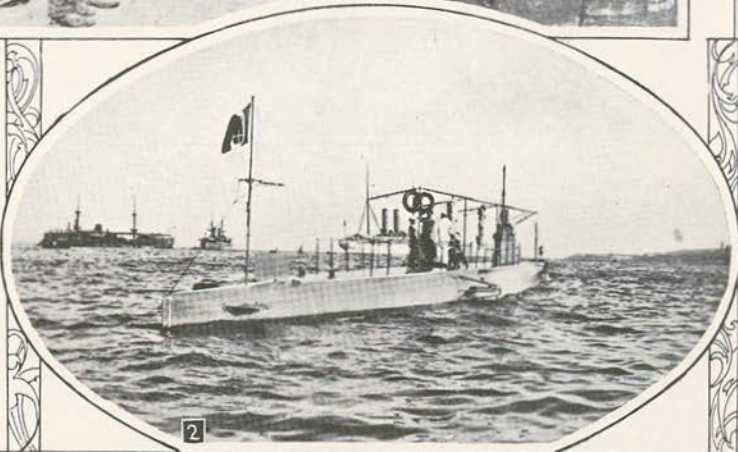
1. O estado maior de uma divisão Italiana examinando uma planície na fronteira.
2. Soldados Italianos em campanha carregando uma peça.



Um acampamento italiano junto da fronteira em Sette Comuni



Em Italia. — Todos os comboios, que da Italia transportam tropas para a fronteira, são alvo das mais delirantes ovações em todas as terras que atravessam. Os soldados italianos são d'aqueles que mais confiança teem na vitoria e por isso eles participam do entusiasmo do povo que os aclama em marcha para o campo da batalha.



1. entusiasmo das tropas Italianas ao partirem para a guerra.—2. Um dos submarinos italianos que já praticou feitos de valor no Adriatico.—3. Uma secção da Cruz Vermelha italiana, na estação dos caminhos de Roma, com destino ás Linhas do Isonzo.



Trieste.—É o primeiro porto comercial da Austria e um dos mais importantes do Mediterraneo, saindo d'ele constantemente barcos para todos os

pontos do mundo. Esta gravura representa o Grande Canal coalhado de embarcações que estão recebendo carregamentos para os vapores que estão ao largo.



No Trentino.—Um dos famosos passos, denominado «Falsavejo», que os alpinos Italianos conseguiram já atravessar.



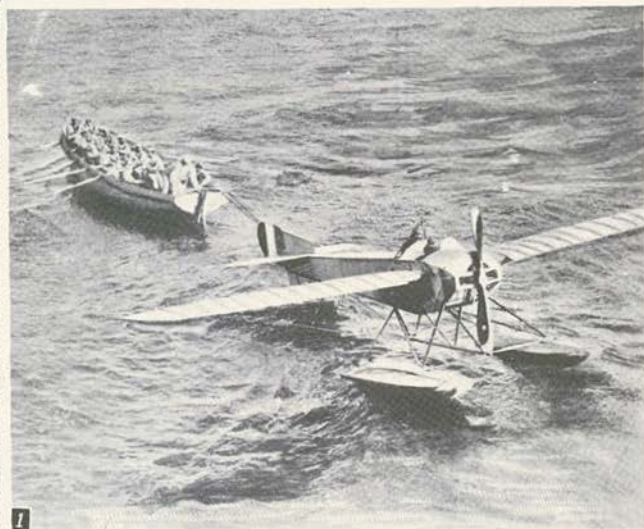
RECOLHENDO

A' hora do crepusculo recolhem os aeroplanos ingleses, como um bando de aves, que vem aninhar-se, para retomar o vôo ao amanhecer. E' este

um dos espetaclos mais interessantes e que nos dá bem a impressão da regularidade com que está sendo feito o serviço aereo da guerra.



Na altura de Ypres.— Os alemães atacam os Ingêzes com violência logo nas primeiras horas da manhã, mas são completamente repellidos.—(The Sphere).



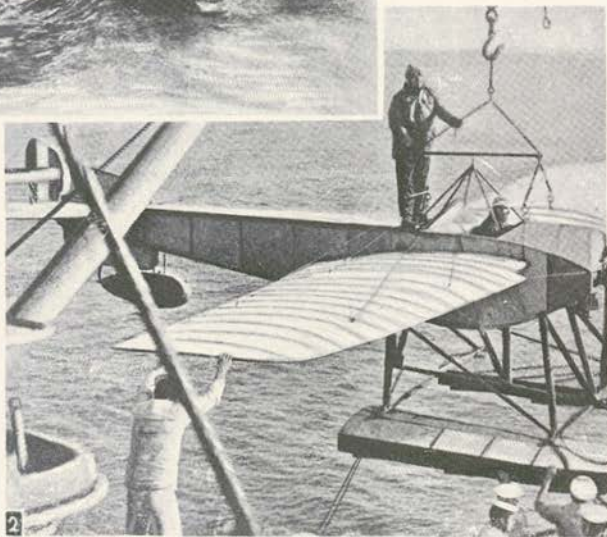
Um hidro-aeroplano defronte de Krithia

Nos Dardanelos.—

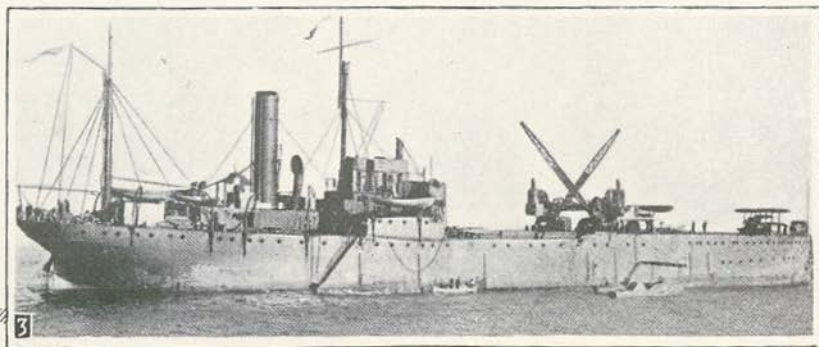
Não tem sido grande, como era para desejar, mas tem sido apreciável o avanço dos aliados nos Dardanelos; avanço lento, mas seguro, por mar e por terra. Ascende já a dezenas de milhares o numero de prisioneiros turcos e é considerável o material de guerra tomado até hoje por ingleses e francezes. As derrotas tem sido tamanhas que n'elas se filiam os murmurios populares que a Turquia mal pôde contar sobre a necessidade de fazer a paz.

Os sucessos dos aliados

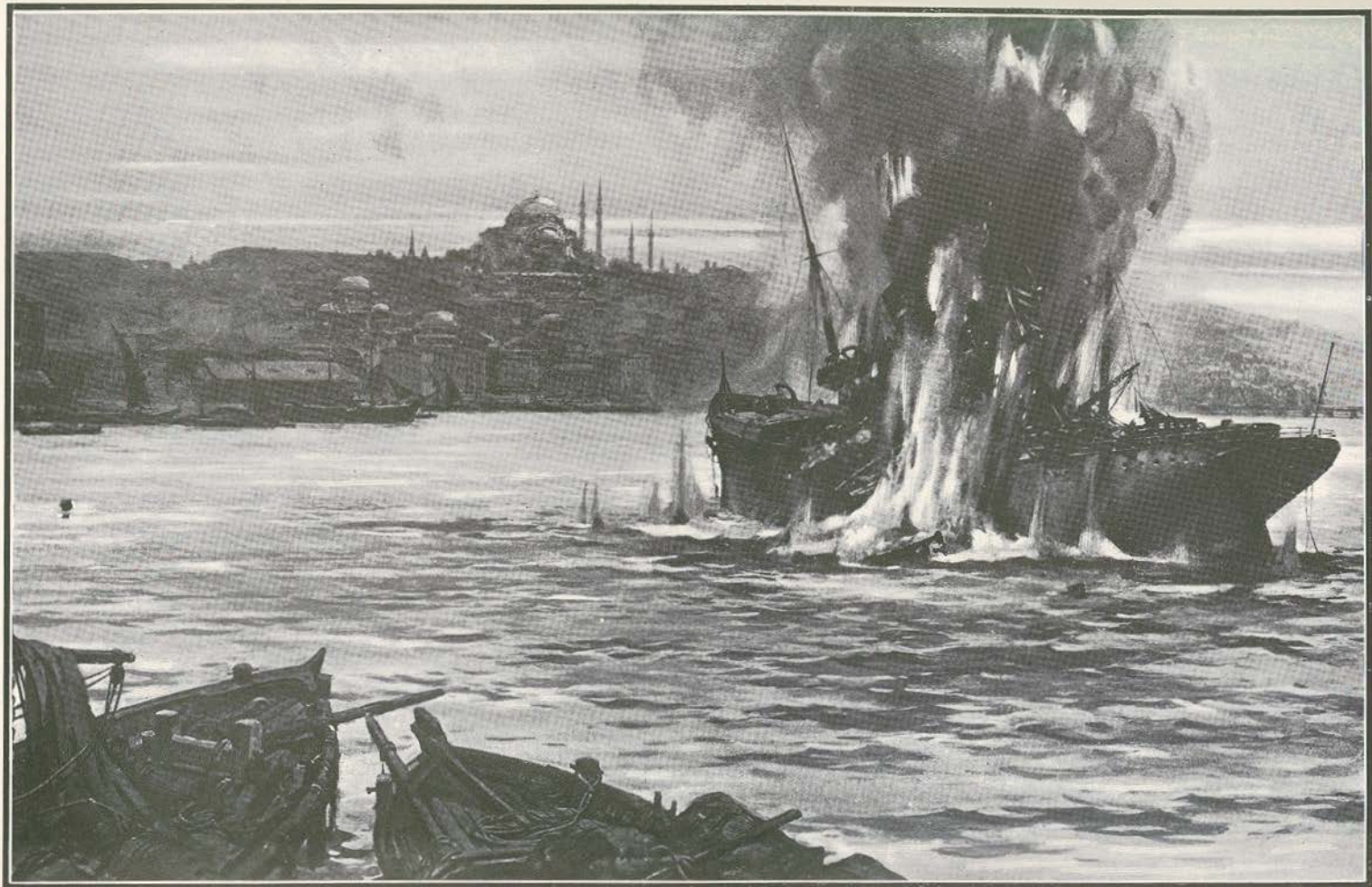
estão sendo devidos em grande parte ao belo serviço que está prestando a sua aeronautica, permitindo combinar da maneira mais eficaz a ação dos navios e das forças de terra e informando com admiravel precisão os centros de comando acerca dos movimentos e dos recursos do inimigo, de que tem dizimado tambem sofrivel numero, lançando-lhe bombas de notavel efeito explosivo.



O descarregamento de aeroplanos nos Dardanelos



O vapor «Ark Royal» que transportou grande numero de aeroplanos para os Dardanelos



Um submarino britânico em ação no porto de Constantinopla.—O transporte turco *Stamboul*, torpedeado pelo submarino inglês *E-11* comandado pelo tenente Nasmith, que depois de uma habil manobra se aproximou do transporte, que dispunha de grande velocidade. Foi uma das mais brilhantes provas de quanto valem os submarinos ingleses.—(Illustrated London News).



1. Na península de Galipoli.—O forte de Seddul-Bahir, base do desembarque das tropas aliadas.

2. Uma bateria de 75 franceza escolhendo posição.



Na Polónia.—Depois de uma luta contra forças muito superiores, os russos escolhem uma nova posição, da qual desbarataram o inimigo, que, atribuin-

do este movimento a uma fuga, se viu de surpresa envolvido e valentemente atacado, deixando em poder dos vencedores, artilharia, munições e prisioneiros.

A Gran-Bretanha e as munições de guerra



Um stock de granadas já prontas para serem expedidas. (Forma conica).

Outro stock de granadas em Sheffield, mostrando a abertura da base, antes de cheias

As afirmações de Lloyd Georges sobre o desenvolvimento que estava tomando em Inglaterra a fabricação de material de guerra, que os alemães espalharam estar faltando aos aliados, estão realmente sendo constatadas de uma forma brilhante. Só n'um dos centros de fabricação está-se produzindo 150:000 granadas por mez, devendo dentro

em pouco essa produção elevar-se de 250 a 300:000. E proporcionalmente, todos os outros centros estão trabalhando com a mesma atividade, tanto na Inglaterra, como na França, cujas fabricas nos ultimos tempos também tem aumentado consideravelmente o seu trabalho.



Perfurando a base d'uma granada

Verificando a medida dos envolveros das granadas

14 de maio—14 de julho

Os briosos marinheiros portugueses, querendo prestar aos seus camaradas mortos na revolução de 14 de maio a sua mais profunda esentida homenagem, resolveram ir, passados dois mezes, depôr sobre os jazigos d'aqueles denodados heroes flôres e corâs de saudade. E para essa delicada manifestação de solidariedade convidaramos promotores todos os corpos de Lisboa e a classe civil, que acorreram ao seu convi-

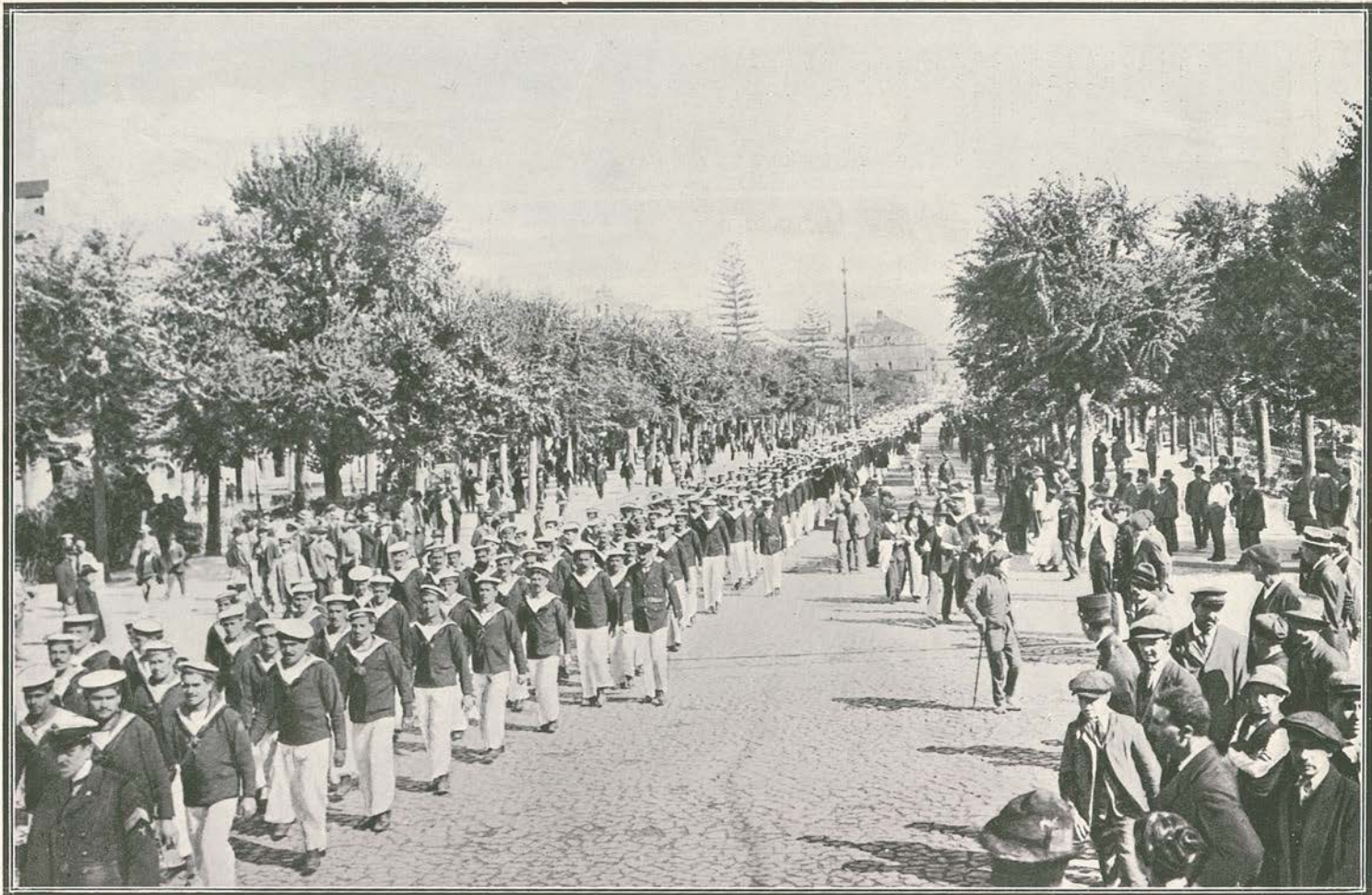


te, incorporando-se no magestoso cortejo que se realizou no dia 14 de julho e que saiu do Terreiro do Paço em direção ao cemiterio do Alto de S. João, a cujo desfile assistiram muitos milhares de pessoas que enfileiravam nas ruas percorridas pelos manifestantes.

No cemiterio foram proferidos discursos patrióticos e comoventes pelos srs. Leote do Rego, Domingos Cruz, Americo de Freitas e Carlos Ferraz.



1. O capitão de fragata sr. Leote do Rego e o 1.º tenente sr. Fradique, chefe do estado maior da divisão naval—2. A carreta que conduzia corâs e flôres puchada pelos marinheiros do *Vasco da Gama*.



O cortejo desfilando pela Avenida da Liberdade



O cortejo passando na rua Passos Manuel



Oradores que falaram no cemiterio: 1. Sr. Leote do Rego, 2. O sargento enfermeiro e deputado sr. Domingos Cruz, 3. O cabo de marinheiros sr. Americo de Freitas, 4. O capitão sr. Tavares de Carvalho, 5. O chefe revolucionario civil sr. Carlos Ferraz



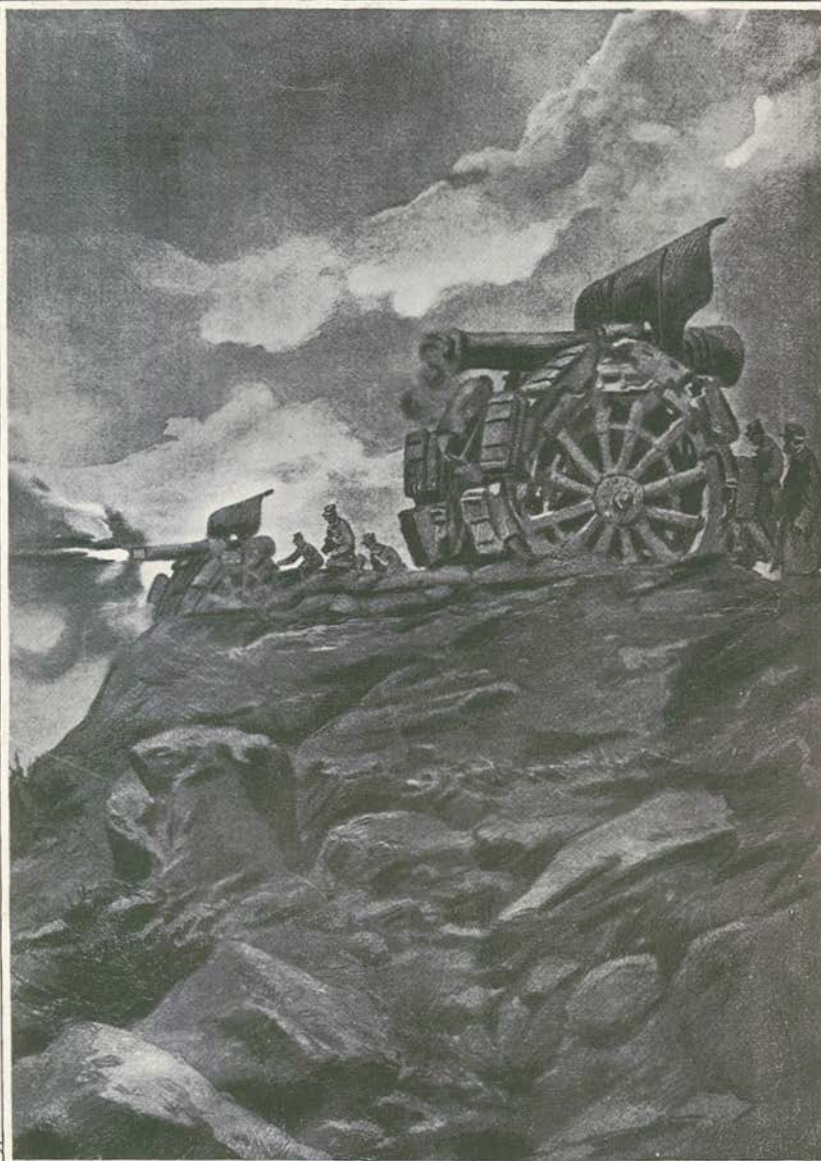
O elemento civil no cortejo.—(Clôchês Benoliel).

NA LINHA DE FOGO



O general Porro, chefe do estado maior Italiano, com sua filha Alexandra, enfermeira da Cruz Vermelha

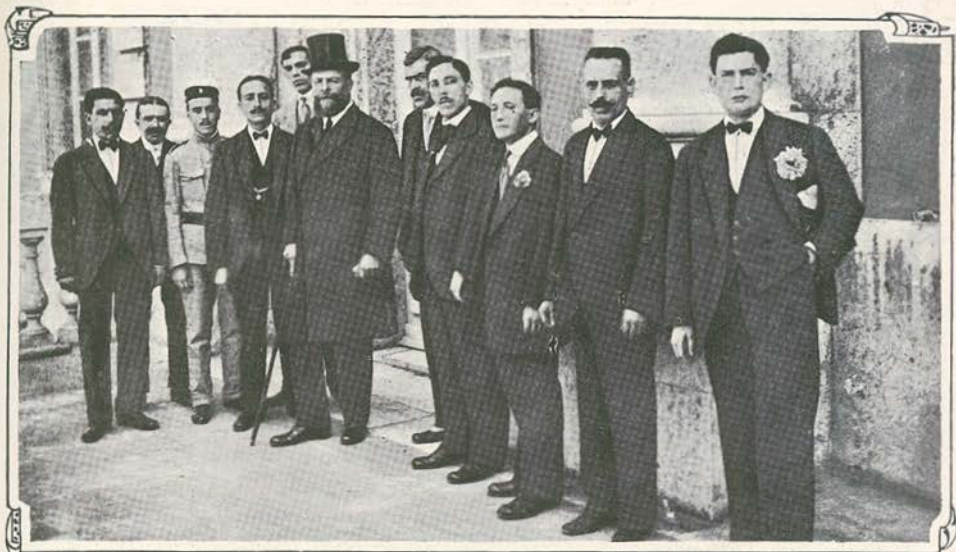
A guerra nas montanhas



O terreno acidentadíssimo em que os italianos se encontraram ao entrar na Austria era julgado como um grande estorvo à marcha da sua artilharia. Causou, pois, surpresa a todo o mundo saber-se como eles com prodigiosa ra-

pidez haviam colocado mesmo as suas peças pesadas no alto das rochas que pareciam inacessíveis, dominando d'aí grandes extensões onde se tornou impossível aos austriacos resistirem ao seu fogo mortífero.

FIGURAS E FACTOS



O capitão de fragata sr. Leote do Rego, com os membros da direcção do Centro de que é patrono por ocasião da Inauguração do mesmo Centro no Teatro de S. Carlos.—(Cliché Benolle).



2. O tenente sr. Alberto Frederico James de Oliveira Torres, falecido em Lisboa.—3. O capitão-tenente da armada sr. Bernardo de Melo Castro M reira, ultimamente falecido em Lisboa.—4. O capitão sr. Sebastião Luiz de Faria Machado Pinto R. by de Miranda Pereira, morto pelo genito de Colengua, junto do forte de Quilve, onde se bateu corajosamente em defesa da Patria.—5. O alferes de infantaria sr. Joaquim Braz, falecido em Lisboa.—6. O sr. dr. Antero Pinho de Moraes, advogado em Vila Nova de Famalicão, onde faleceu.



Comissão que velou de Faro a Lisboa reclamar para que a séde de infantaria fosse transferida de Tavira para ali.—Da direita para esquerda, os srs. João Alexandre da Fonseca, Jaime Barrot, Paulo Pinto, Moisés Sequeira, Antonio Franqueira Reis, José Alexandre da Fonseca, Antonio Feliciano Trigo, dr. Rodrigo José Rodrigues, deputado, José Teodoro de Almeida Coelho, dr. Artur Aguedo, Miguel Corrêa Neves, Samuel Sequeira, dr. Vitor Castro Fonseca e Antonio Montez.

Uma festa luso-brazileira em Paris

Recentemente, no Salão Vaugirard, em Paris,

René Ghil consagrados a Portugal, após o que,



Miss Elsa Gorlich, cantora canadense



Mr. Zannoni, do Scala Lirico de Milão

realizou-se, com um grande êxito, um concerto promovido pela «Société des Etudes Portugaises» em favor dos voluntários portugueses e brasileiros na guerra de 1915.

A festa começou por um belo discurso do ilustre escritor francês mr. Maxime Forment, que traçou um rápido esboço da nossa história política e literária, tendo para os nossos sal-



n'um programa seletto, se exibiam alguns excelentes artistas francezes, brasileiros e inglezes, entre os quaes M.^{lle} Alice Gautier, da Opera de Paris, miss Elsa Gorlich, cantora canadense, miss Anna Stamani, do Coliseu de Londres e 1.^o premio do Conservatorio de Paris, mr. Zannoni, do Scala de Milão, e o tenor brasileiro mr. Ca-

Mademoiselle Alice Gautier, da Opera de Paris

tos feitos d'outro-ra e para os nossos grandes homens d'hontem e d'hoje as mais entusiasticas referencias.

Uma interessante artista java nesa disse depois versos de mr.

margo, da Gaité Lyrique de Paris,

A esta festa assistiu o ministro do Brazil em Paris, dr. Olinto de Magalhães e as principaes familias das colonias por tuguieza e brasileira em Paris.



Miss Anna Stamani, do Coliseu de Londres, 1.^o premio do Conservatorio de Paris



O cantor brasileiro, sr. Camargo, do Gaité Lyrique, de Paris

SPORTS



4 Barco automóvel dos srs J. Soares d'Almeida, H. Botelho e Camilo Anciães, levando a seu bordo um grupo de gentes se-
nhoras que muito animaram a batalha de flôres realisada no
dia 27 de junho na baía de Algés, organizada pelo Club Na-
val de Lisboa—(Cliché Garcez)



3 Em Ovar: Os vencedores do torneio aos pombos—3. Um aspêto do torneio de tiro aos pombos, organizado pelo sr. Manuel
Brandão e em honra do «Foot-Ball Club», de Ovar—(Clichés do sr. Rosendo Ribeiro)

Tourada no Campo Pequeno

Tomaz da Rocha, o estimado bandarilheiro que tantas simpatias conta entre os aficionados, teve uma festa que decorreu ruidosissima de aplausos pelos bons elementos que constituíam a corrida que ele organizou.

Todos os artistas brilharam nos seus trabalhos e o gado, dos irmãos Robertos, hoje pertença de seu sobrinho João Roberto, saiu bravo e cumprido.



José Casimiro, o brioso cavaleiro que todos conhecemos e admiramos, esteve nas suas tardes felizes, entusiasmado os espetadores com o seu magistral trabalho.

O sr. Simão da Veiga, antigo aficionado e lavrador e amigo íntimo do festejado, ofereceu um dos seus touros, bravo, que Rocha bandarilhou a sós a primor, recebendo além das ovações muitos brindes dos seus amigos.



1. Os diestros Bombita e Alfarero—2. Tomaz da Rocha bandarilhando—3. Bombita entrando a matar—4. Alfarero passando de muleta—5. Bombita n'um passe à mela volta

PÕ DE ABYSSINIA EXIBARD
Sem Opio nem Morphina.
 Muito eficaz contra a
ASTHMA
 Catarrho, Opressão
 35 Anos de Bom Exitto.
 Medalhas Ouro e Prata.
 H. FERRÉ, BLOTTIERE & C^{as}
 8, Rue Dombasle
 PARIS
 & SOAN PHARMACIA

M OZAICOS — AZULEJOS —
 CAL HYDRAULICA
 CIMENTO AGUIA ROCHEDO
GOARMON & C.
 Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21
 TELEPHONE 211 — LISBOA

TRADE **Gillette** MARK

Artigos genuinos de "Gillette" tem de ser estampados, com a referida Marca de Fabrica.

Barbeae-vos a vós mesmos.

O primeiro alivio para quem soffre de rosto borbulhento, e cheias d'espinhos as faces, é barbear-se com o Apparelho de barbear de seguridade "Gillette." Impregnae bem a pelle com a espuma de sabão antes de vos barbear, afim de amollecere a barba. Seja em dia quente ou frio, em todo e qualquer tempo, não ha ferro para escanhoar com a folha viva d'um Apparelho "Gillette."

«Apparelho de barbear, com patente registrada. Vende-se em toda a parte

Gillette Safety Razor, Ltd., 332, St. Saviour's Road East, Leicester (Inglaterra). Gillette Safety Razor, Soc. An., 17bis Rue la Boétie Paris. Tambem em Londres, Boston, Montreal, etc.

Gillette

Não precisa ser amolado nem afiado

Apparelho de barbear de seguridade

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre
 PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

Perfumaria
Balsemão
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
 TELEPHONE Nº 2777 LISBOA

POLICIA PARTICULAR
INSTITUTO especial para informações, investigações e vigilancia de pessoas, RUA DO REGEDOR (ao Caldas) 9, r.c. — LISBOA.

Lêr na quinta-feira proxima o

Seculo Comico

Preço 1 centavo

Trabalhos de Zincogravura, Impressão e

Fotogravura, Stereotipia, Composição

FAZEM-SE NAS OFICINAS DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexcédível perfeição

Stereotipia

De toda a especie de composição

Composição e impressão

De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

Zincogravura e Fotogravura

Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobreado ou nicklado

Em cobre.

A cores, pelo mais recente processo — o de tricromia.

Para jornaes, com tramas especiaes para este genero de trabalho.

OFICINAS DA Ilustração Portuguesa RUA DO SEculo, 43

A PARISIENSE

A Camisaria elegante de Lisboa

Apresenta sempre um completíssimo sortido em camisaria, de padrões variadíssimos e combinações da ultima moda.

**E' A CASA PREFERIDA PELOS ELEGANTES
E PELOS SPORTMENS**



O proprietário

Chapeus de palha e panamás nos formatos da moda. Só esta casa vende o mais leve chapeu de feltro (45 gramas de peso) a 1,200 réis!

Zephires para ceroulas e camisas, desenhos de novidade.

Gravatas Em exposição n'uma das vitrines uma grandiosa colecção de gravatas vaporosas, desenhos de absoluta novidade e padrões exclusivos d'esta casa.

PREÇO DE RECLAME 450 CADA

Brevemente novo stock de camisas de zephir, com punhos de ida e volta, genero sport.



A PARISIENSE
60 - Rua Nova do Almada - 62
(Frente á Boa Hora)